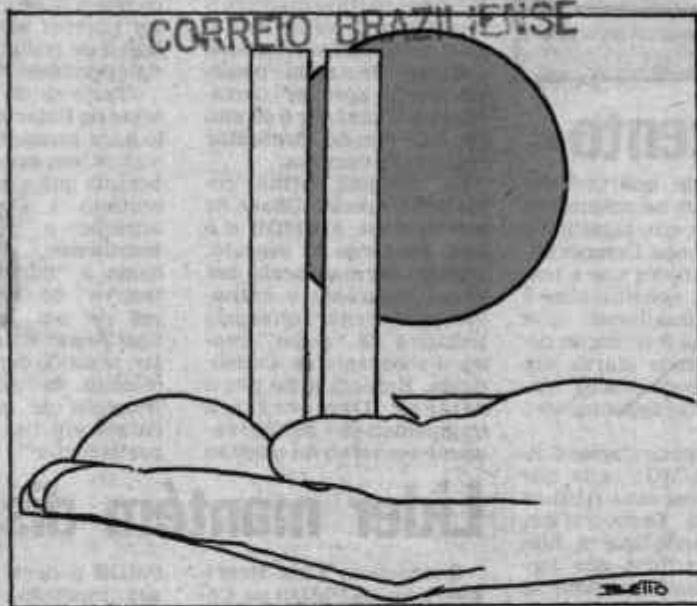


Os políticos e a Constituinte

27 FEV 1987

Muita gente ignora o que seja a vida de um homem público, de um político no Brasil. É claro que, como em todas as profissões, em todas as atividades humanas, há aqueles que se distinguem, os talentosos, e os medíocres, aqueles que não podem corresponder com brilho ao que se espera de sua atuação, assim como há aqueles que estão aquém da capacidade exigida. Ainda há os que só vêem o interesse próprio, sendo, assim, incapaz de compreender a nobreza do trabalho e a importância do seu mister. No meio dessa variedade, surge, algumas vezes, o homem excepcional, de ação, de dedicação, de inteligência ou de ética profissional, numa variedade inerente ao ser humano. E ainda existem os perniciosos que, como ervas daninhas, se encostam às palmeiras que lançam seus belos galhos para as alturas. Por fim, os parasitas, que se grudam nas árvores e vivem delas, sugando sua seiva. Esse é o panorama da vida em sociedade. E dentro dessa atmosfera que atuam os homens públicos, especialmente os políticos, que são os mais visados e fiscalizados pela imprensa, por isso mesmo alvos das críticas, justas ou injustas, devendo estar preparados para recebê-las com ânimo forte e prosseguir na luta difícil, ocasião em que se afirma sua personalidade, enrijecida pelos embates. Esse o quadro humano da vida pública, especialmente dos políticos, que vão, como disse, da mediocridade ao talento, podendo mesmo revelar sua genialidade, em momentos difíceis da vida de uma nação ou do mundo, em que se revela um estadista de escol. Para isso, poderá ter nascido numa cabana, como Abraham Lincoln, ou

ALUIZIO NAPOLEAO



em berço de ouro, como Franklin Roosevelt. De qualquer forma, esses homens, que se expõem, mais do que quaisquer outros, ao perigoso conflito dos interesses humanos, são dignos de nossa tolerância, quando erram, pois não podem acertar sempre, devendo merecer nossa reprovação, quando são mal-intencionados e só desejam aproveitar da boa fé alheia.

Toda essa digressão vem a propósito da reunião da Assembleia Nacional Constituinte, que, neste momento, tenta elaborar a Carta Magna do País, instrumento que deve captar as aspirações de nossa época, neste Brasil mal saído de um regime forte, que durou vinte anos e em cuja ambiência vivem ainda impregnados políticos e grande parte da sociedade. Mesmo inconscientemente, muitas vezes, pensam e agem assim autoritariamente, desacostumados que estão das práti-

cas democráticas, dos conflitos de idéias, do exercício do voto, do hábito da liberdade, da naturalidade da vida política, coagida que foi, por muito tempo, pelos governos em regime de exceção. E, pois, normal, que a Assembleia Nacional Constituinte, nascida das urnas livres, após a dissolução dos partidos políticos tradicionais e a sua substituição por outros criados artificialmente, acrescidos ainda de outros formados muito recentemente, represente um mosaico como o do quadro que acabo de analisar, onde há figuras que atravessaram aqueles períodos difíceis e, por isso mesmo, marcadas pela experiência, pelos sofrimentos e pelas injunções, assim como composto, também, de novos constituintes, muitos deles desconhecidos, como adolescentes nos plenários do novo congresso popular, uns chelos de esperanças, outros entumescidos de patriotis-

mo, alguns insuflados por reivindicações justas, muitos impacientes com a morosidade característica dos parlamentos, onde a necessidade de organização impõe a divisão do trabalho e o labor das comissões, a fim de evitar a confusão, a desordem que não leva a nada, a excitação das massas populares e até a convulsão, a baderna e a revolução social, em momento em que não será difícil lançar o estopim em barril de pólvora preparado pelos eternos revolucionários e conspiradores de todos os tempos. Apesar dessas possibilidades, esperam os bons brasileiros que os trabalhos da Assembleia Nacional Constituinte, captando os melhores cérebros e unida pelo patriotismo, ultime a missão para a qual foi eleita com o voto soberano da Nação, pois este momento, único, não pode ser perdido nem mal aproveitada por aqueles que estão investidos das altas responsabilidades outorgadas pelos eleitores. O espírito de prudência deverá prevalecer num país em que a conciliação é tradicional. O Brasil tem todas as possibilidades de progredir, de se desenvolver, com seus imensos recursos naturais, a sua comprovada capacidade de produção industrial, sua possibilidade de utilização dos melhores métodos tecnológicos e científicos que este século oferece, devendo, no entanto, ter em mente que tudo isso só poderá ser conseguido se houver uma profunda consciência coletiva, que deverá ser substanciada na nova Constituição, isto é, a consciência da justiça social, que irmane, neste momento, empresários e trabalhadores, a fim de eliminar as injustiças que mancham a nossa nacionalidade no presente.